

**DO ADOECIMENTO DAS DOCÊNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE:
UM ENSAIO REFLEXIVO**

ABOUT THE ILLNESS OF TEACHING IN CONTEMPORARY TIMES:
A REFLECTIVE ESSAY

SOBRE EL MALESTAR DE LA DOCENCIA EN TIEMPOS CONTEMPORÁNEOS: UN
ENSAYO REFLEXIVO

Diogo Inacio Dias¹ <https://orcid.org/0000-0003-3205-0048>

¹ Universidade Federal de São Carlos – Sorocaba, São Paulo, Brasil;
diogo.inacio.dias@gmail.com

RESUMO: Este ensaio de natureza teórico-reflexiva possui como objetivo problematizar o que se tem nomeado mal-estar docente a partir do pensamento de pensadores como Byung-Chul Han e o conceito de sociedade do cansaço, Jonathan Crary e a ideia de uma sociedade 24/7 e Gilles Deleuze ao propor o conceito de intercessor. Segundo esses pensadores a sociedade capitalista contemporânea esgarça os próprios limites do sistema econômico com a intenção de capitalizar tudo e todos. Os limites do capitalismo, nessa perspectiva, são cada vez mais permeáveis e transponíveis. Como resultante, temos o adoecimento dos indivíduos, que passam a sofrer com síndromes como a de *burnout*, por exemplo. A partir dessas análises, traçamos algumas linhas de pensamento sobre o adoecimento da profissão docente, que, afetada por esse modelo de sociedade, também é atravessada pelo capitalismo e suas forças. Ao final, apresentamos uma linha de fuga a esse movimento do capitalismo.

Palavras-chave: Mal-estar docente; Docência; Intercessor.

ABSTRACT: This theoretical-reflective essay aims to problematize what has been called teaching malaise based on the thinking of thinkers such as Byung-Chul Han and the concept of a society of fatigue, Jonathan Crary and the idea of a 24/7 society, and Gilles Deleuze when proposing the intercessor concept. According to these thinkers, contemporary capitalist society is fraying the very limits of the economic system with the intention of capitalizing everything and everyone. The limits of capitalism, from this perspective, are increasingly permeable and surmountable. As a result, we have the illness of individuals, who begin to suffer from syndromes such as burnout, for example. Based on these analyses, we outline some lines of thought on the illness of the teaching profession, which, affected by this model of society, is also traversed by capitalism and its forces. In the end, we present a line of escape from this movement of capitalism.

Keywords: Teacher malaise; Teaching; Intercessor.

RESUMEN: Este ensayo teórico-reflexivo pretende problematizar lo que se ha denominado malestar docente a partir del pensamiento de pensadores como Byung-Chul Han y el concepto de sociedad de la fatiga, Jonathan Crary y la idea de una sociedad 24/7 y Gilles Deleuze al proponer el concepto de intercesor. Según estos pensadores, la sociedad capitalista

contemporânea tensa los límites mismos del sistema económico con la intención de capitalizar todo y a todos. Los límites del capitalismo, desde esta perspectiva, son cada vez más permeables y transponibles. Como resultado, tenemos individuos que enferman y comienzan a sufrir síndromes como el burnout, por ejemplo. A partir de estos análisis, esbozamos algunas líneas de pensamiento sobre la enfermedad de la profesión docente, que, afectada por este modelo de sociedad, también está atravesada por el capitalismo y sus fuerzas. Al final, presentamos una línea de escape de este movimiento capitalista.

Palabras clave: Malestar docente; Enseñanza; Intercesor.

Introdução

Iniciamos nosso texto evocando a canção de Nelson Gonçalves, que lamenta: “Ai que cansaço [...] que vontade de chorar”. Na docência, alguns autores do campo da Psicologia e/ou da Psicologia da Educação, como Picado (2009), Zacharias *et al.* (2011), Oliveira (2006), Pacheco e Pestana (2014), e muitos outros, se propuseram a estudar, pensar, dar contorno e/ou discutir em seus trabalhos e pesquisas a temática do quem vem sendo identificado consensualmente no campo da Educação como *mal-estar docente*. Trata-se de um possível delineamento para essa sensação de cansaço e tristeza traduzida na canção do sambista Nelson Gonçalves. O presente artigo aproxima-se desses autores justamente ao pensar no contorno desse conceito acerca da docência no plano da imanência¹ enquanto devir.

Após uma leitura dos mencionados autores, constata-se a presença de um empenho, no campo da Psicologia e/ou da Psicologia da Educação e/ou da Educação, bastante recorrente e grande em delinear, estudar, entender, descrever, evitar, contornar, minimizar, sanar, resolver os muitos elementos relacionados ao que seria esse *mal-estar docente*. Pois bem, esse não é o objetivo das linhas de pensamento que aqui proponho. Apesar de legítima, a discussão em torno do *mal-estar docente* nos remete à substituição de um jeito de ser/fazer por outro, em uma perspectiva de igualdade, em que poderíamos garantir uma “docência feliz” e uma “escola de todos” – a depender da solução (utópica) eleita para cada problema (causa) vinculado ao *mal-estar* (aos *mal-estares*). Isso é, de certo, idealismo. Acreditar em uma docência com bem-estar na escola para todos é afirmar que todos os corpos são afetados da mesma maneira, que todos precisam das mesmas coisas, dos mesmos afetos, dos mesmos acontecimentos. Nas linhas que

¹ Para Gilles Deleuze (1988), a imanência remete a algo como *existir ou permanecer dentro*. Geralmente é aplicada como oposição relativa ao conceito de transcendência, que podemos compreender como da ordem de *aquilo que está além ou fora*. Isto é, falamos de uma distinção endógena que é singular, infinita e notável, falamos de uma correspondência à função primordial da essência da existência. Deleuze, a partir do conceito de imanência, rejeita a ideia de que a vida e a criação são opostas à morte e à não criação. Em vez disso, o filósofo concebe um plano de imanência que inclui simultaneamente a vida e a morte, não se tratando assim de um pensamento que opere em uma chave excludente isto *ou* aquilo. Falamos de um movimento conjuntivo: isto *e* aquilo.

se seguem, buscaremos problematizar esse movimento de entristecimento da figura docente a partir de um olhar filosófico contemporâneo.

Para alguns dos autores que têm se dedicado ao estudo das questões que podem permear, atravessar, influenciar, afetar, induzir a dinâmica de trabalho docente – por vezes marcada por elementos como a precarização da profissão –, observa-se uma demanda excessiva por produtividade e produção de resultados pedagógicos, socioeducativos, performativos², exemplificado, por exemplo, quando pensamos no sistema de avaliações externas da aprendizagem de alunos no sistema público de ensino brasileiro, como a Prova Brasil. Além disso, há também a hipervalorização da aprovação em vestibulares (parâmetro bastante presente no sistema privado de ensino), remontando a um modelo de educação bancária³ (Freire, 1968). Outro aspecto observável é também a burocratização do trabalho docente (produção de documentos burocráticos que por vezes não são utilizados, não recebem as devidas devolutivas ou mesmo são considerados pela gestão escolar). Podemos considerar essas, algumas das causas mais latentes do que convencionou-se chamar *mal-estar docente*.

Fala-se então de docências que, apesar de ainda resistirem nas salas de aula em prol do processo educativo, ocasionalmente ainda encantadas pelo exercício da docência ou mesmo ainda apaixonadas pelo potencial transformador da educação, há docências em vias de esgotamento (físico e emocional). O documentário *Você só dá aula?*,⁴ lançado em 2016 pelo Coletivo Noise, com direção de Fabiano Keller e Mariana Sposati, traz um retrato bastante fidedigno desse quadro. Nos relatos dos professores entrevistados, ficam nítidos alguns dos elementos que atuam esgotando o trabalho dos professores – que, mesmo impactados pelas condições de trabalho, pelas infraestruturas insuficiente, pela ausência de reconhecimento social e profissional, e por diversas outras forças que atravessam sua atuação profissional, seguem lutando por um projeto educacional que não luta pelos professores.

Diante desse cenário não muito animador, é importante pensar algumas das forças que plasmam a sociedade contemporânea e que, por sua vez, afetam as docências.

² Aqui utilizamos o termo performativo em um sentido de rendimento, ranqueamento, tal qual em uma competição que gera uma classificação ao final.

³ Em linhas gerais, pode-se contornar esse conceito do educador Paulo Freire (1968) a partir da imagem de uma conta bancária em que se vai depositando conhecimentos, saberes, e conteúdos que vão sendo acumulados em uma espécie de poupança. No momento do vestibular (ou de provas específicas, como a de indicadores educacionais do sistema), esses depósitos são sacados para a aquisição de um bom resultado, que no caso do vestibular garante o acesso ao ensino superior.

⁴ Disponível em: <https://youtu.be/S5KBGn0Slik>. Acesso em: 19 fev. 2024.

A sociedade do cansaço – desempenho que adocece os corpos

Como ponto de partida na construção dessas linhas de pensamento, deparamo-nos com o cansaço e o esgotamento dos indivíduos contemporâneos. Byung-Chul Han, filósofo e ensaísta sul-coreano, é quem ajuda a dar contorno a essa temática, trazendo ideias desenvolvidas em sua obra *Sociedade do Cansaço*, de 2017. Logo no início do livro, Han (2017) parte de uma constatação relativamente óbvia das relações entre a sociedade e o sofrimento psíquico, discutindo que cada época tem suas enfermidades. Partindo do pressuposto de que os sofrimentos psíquicos são entendidos nos dias atuais sobremaneira como desvios neuroquímicos para o autor, nossa época se caracteriza como um tempo de violência neuronal. O momento que ele descreve é marcado pelo adoecimento do sistema nervoso, resultando em sofrimentos psíquicos, como Síndrome de Burnout, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Depressão, entre outros.

Segundo Han (2017), essa violência neuronal está diretamente relacionada ao modo como o capitalismo neoliberal contemporâneo se consolidou: a partir de uma lógica de maximização de desempenho, não mais de vigilância e disciplina. Byung-Chul Han compõe assim seu pensamento, contrariando a proposição de sociedade disciplinar descrita e pensada pelo filósofo francês Michel Foucault (2008).

Han (2017) sustenta a ideia de que as sociedades ocidentais não estão mais organizadas e designadas a partir de uma lógica que opera pela negatividade típica de épocas e dispositivos “imunológicos”, em que os mecanismos de defesa são a reação, o estranhamento ou mesmo o isolamento do estranho, como movimento de proteção e defesa, a negação de algo (ou alguém); ele trabalha com a problemática de que a sociedade contemporânea superou a lógica disciplinar proposta por Foucault (2008). Nela, a negatividade é um traço marcante das sociedades e há dispositivos de proteção e segurança que operam por meio de mecanismos como muros, passagens e barreiras, por exemplo. É com base nessa configuração que, para Han (2017), pensa-se o princípio de interdição, o qual torna possível o modelo freudiano da neurose considerada um conflito intrapsíquico⁵ (Freud, 1912/1969).

A sociedade contemporânea distingue-se, então, pelo excesso de positividade, e não de negatividade, como observado na sociedade disciplinar. A esse respeito, Han (2017, p. 23) afirma: “a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de

⁵ Ainda que se reconheça os riscos de algumas simplificações, pode-se propor, como síntese, segundo Freud (1912/1969), que o conflito intrapsíquico é inconsciente entre os impulsos internos do indivíduo e as pressões da realidade externa.

desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais sujeitos da obediência, mas sujeitos de desempenho e produção”. Em outras palavras, fala-se de uma sociedade que, em vez de dizer “não” a certas coisas, diz “sim” para tudo (ou quase tudo).

Em sua obra, no exemplo do leproso e do pestilento, Foucault (1999) nos lembra que o tipo de poder de uma sociedade disciplinar tende a se caracterizar e colocar em prática ações como as de separar, prender, controlar e punir, havendo assim um movimento de negação. Ao trazer momentos de surtos contagiosos ao centro da análise por meio da oposição entre o sonho político existente nos procedimentos de controle da lepra e da peste, ficam claros alguns dos mecanismos da estrutura de poder, no caso da hanseníase, que implica exclusão, e, no caso da peste, incita observação e controle. Falamos aqui, então, da forte presença e imposição do não, que exclui, separa, segrega, isola.

Retomando agora a linha de raciocínio de Han (2017, p. 20) – e pautando-se na discussão de que, em seu aspecto biológico e social, a violência neuronal a que se refere não está mais associada à negatividade estranha (que é exterior ao sistema) –, então “trata-se de uma violência imanente ao próprio sistema”. É por essa razão que, em sua forma especificamente social, a nomeação mais adequada dessa nova organização do sistema para o autor é “sociedade do desempenho”, uma sociedade pós-disciplinar, que não vai negar, mas sim atuar em prol de um movimento de afirmação e validação de que tudo é possível. Byung-Chul Han nos está alertando para um movimento de constituição de uma nova subjetividade que provém das transformações sócio-históricas que vêm ocorrendo desde o final do último século:

Já habita, naturalmente, o *inconsciente social*, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento (Han, 2017, p. 25).

Segundo o filósofo, é possível pensar nessa ideia justamente porque “a positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever” (Han, 2017, p. 25). É como se o inconsciente social do dever trocasse de registro para o outro, o do poder (aqui no sentido de ser totalmente possível realizar/fazer/produzir), nas palavras do autor. Para ele, o sujeito de desempenho é mais rápido que o sujeito da obediência. Contudo, alerta que “o poder, porém, não cancela o dever” (Han, 2017, p. 25). Continua:

O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas, em relação à elevação da produtividade, não há qualquer ruptura; há apenas continuidade (Han, 2017, pp. 25-26).

Podemos compor com as visões de Foucault (1999) e Han (2017), questionado-nos se na sociedade contemporânea não podemos considerar que ainda existam instituições regidas e orientadas por movimentos de disciplinação. A organização escolar, pressionando os professores pela produção de documentos, e atividades, e relatórios, e planejamentos, e documentos burocráticos, e registros, e material didático, e participação em reuniões, e conselhos, e e e...⁶, não seria um exemplo de instituição regida por força disciplinar? Será que a sociedade contemporânea, neoliberal, não precisa ainda de corpos dóceis, domesticados e úteis? Corpos que sigam reproduzindo aquilo que o sistema desde sempre introjeta nos corpos como um modelo que deve seguir em curso? Ainda existem, na sociedade contemporânea, presídios, manicômios, as conhecidas instituições disciplinares, não?

À luz do que propõe Alain Ehrenberg (2008), Han (2017) no entendimento da lógica da sociedade de desempenho mais associada a um viés positivista que negativista, discute que há uma inerente *violência sistêmica* produtora de *infartos psíquicos* nos indivíduos imersos em um dinâmica social do desempenho:

O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho. Vista a partir daqui, a Síndrome de Burnout não expressa o *si mesmo* esgotado, mas antes a alma consumida. Segundo Ehrenberg, a depressão se expande ali onde os mandatos e as proibições da sociedade disciplinar dão lugar à responsabilidade própria e à iniciativa. O que torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo *mandato* da sociedade pós-moderna do trabalho (Han, 2017, p. 27).

Assim, podemos pensar que o adoecimento do indivíduo, ao desempenhar sua atividade de trabalho na sociedade pós-moderna, acontece quando ele padece de síndromes como a citada Burnout, por exemplo, pelo consumo da existência humana em prol do desempenho excessivo, necessário para produzir ou mesmo por não dar conta de ser ele mesmo nessa lógica de desempenho imposta num vetor exterior-interior. Produzir é um imperativo que não aceita justificativas, uma vez que tudo é possível. Não se trata, na perspectiva de Byung-Chul Han, da responsabilidade e da iniciativa inerentes ao sujeito ao realizar suas ações de trabalho, mas de um mandato que instaura o imperativo do desempenho sobre o trabalho, sendo isso o que adocece o sujeito. Nesse sentido, o autor afirma que:

O homem depressivo é aquele *animal laborans* que explora a si mesmo e, quiçá deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo. O *si-mesmo* em sentido enfático é ainda uma categoria imunológica. Mas a depressão se esquia de todo e qualquer esquema imunológico. Ela irrompe no momento em que

⁶ Com base na filosofia de Gilles Deleuze, filósofo pós-estruturalista francês, podemos considerar a expressão *e e e...* como algo de síntese, de composição, de somatória. O filósofo se dedica a pensar a diferença, a não exclusão. Ao propor essa síntese somatória a ideia é a de não cairmos em binarismos excludentes e pensar na composição que se dá de maneira não controlável.

DO ADOECIMENTO DAS DOCÊNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE:
UM ENSAIO REFLEXIVO

Diogo Inacio Dias

o sujeito de desempenho não pode mais *poder*. Ela é de princípio um *cansaço de fazer e de poder*. A lamúria do indivíduo depressivo de que *nada é possível* só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível* (Han, 2017, pp. 28-29).

Há, na perspectiva do autor, uma autoagressão e uma autoacusação destrutiva que residem em uma guerra constante consigo mesmo. Em uma sociedade em que tudo é possível, não há espaço para a existência do cansaço de fazer e poder.

A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que domina é o não-ter-o-direito. Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade da coerção. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O *poder* ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa, motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo *não*. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados.

Retomando a ideia de passagem de uma sociedade disciplinar para uma de desempenho, o *slogan* da campanha presidencial de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos da América, *Yes, we can*⁷ (Han, 2017, pp. 24-25), cai como uma luva nessa lógica de pensamento.

E é nesta seara positivista, sem a presença da negação, que se estabelece a guerra constante do indivíduo contra ele próprio, segundo Han (2017, p. 29): “O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É o senhor soberano de si mesmo”. Ou seja, o sujeito de desempenho não está submetido a nada nem a ninguém a não ser a si mesmo.

O filósofo sul-coreano defende que o sujeito de desempenho se distingue de sujeito de obediência uma vez que a queda da instância dominadora não leva à liberdade; pelo contrário, ela faz com que liberdade e coação coincidam. É por esse mecanismo que o sujeito de desempenho se entrega à *liberdade coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho. A maximização do desempenho resulta em excesso de trabalho, em uma exploração do indivíduo sobre si próprio para desempenhar os níveis de produtividade que o indivíduo é livre para realizar, já que tudo é possível. E é aí que se circunscreve o adoecimento do indivíduo acontece, fazendo uma leitura mais atenta do autor. O sujeito de desempenho está sujeitado à condição de ser senhor de si mesmo e viver o *yes, we can* 24 horas por dia, 7 dias por semana.

O 24/7: tudo é capitalizável na sociedade capitalista – linhas de negação da vida

⁷ Em tradução livre: “Sim, nós podemos”.

Para ilustrar um pouco essa problemática que se vem discutindo até então, recorre-se ao “Episódio 2” da primeira temporada da série *Black Mirror* (criação de Charlie Brooker), intitulado *Quinze milhões de méritos*.⁸ O episódio nos apresenta a vida de um trabalhador em um cenário futurista um tanto singular, em que sua ocupação laboral é pedalar uma bicicleta fixada ao solo em um ambiente fechado, compartilhado com demais trabalhadores que desempenham a mesmíssima função em frente a uma televisão.

Todos os dias o personagem retratado acorda em um cômodo sem janelas e/ou vista para o exterior do local em que se encontra, despertado por uma imagem digital de um galo que emite o som de seu cantar em uma tela que ocupa a parede inteira de seu dormitório. Na sequência, caminha até um dispositivo digital no qual compra creme dental por peso, enquanto uma tela gigantesca nos apresenta o preço dessa compra (e mais alguns anúncios comerciais que só são dispensáveis gastando-se dinheiro para evitá-los). Neste mundo-lugar, parece não haver a necessidade de supermercados ou mesmo de dinheiro, uma vez que tudo parece ser alcançável com a palma das mãos, basta aceitar a compra, sem a necessidade de pegar em dinheiro ou cartões. São as telas, dispostas em e por todos os ambientes, que se encarregam de ler os comportamentos dos indivíduos e fazer operações bancárias cabíveis.

O trabalho desempenhado pelo personagem é sempre o de pedalar uma bicicleta que não sai do lugar. O pagamento (salário) obtido por seu movimento cíclico na bicicleta é um dígito bancário atualizado em tempo real: a cada segundo pedalado lhe é acrescido o valor de 1 mérito, a moeda local. Enquanto a atividade laboral é desempenhada, é possível consumir entretenimento. Uma enorme tela cobre toda a parede do salão de trabalho, e nela aparece algumas das ofertas de entretenimento e/ou benefícios possíveis de serem adquiridos pelos trabalhadores: desviar um anúncio custa 500 méritos, assistir a um vídeo custa 10 mil, por exemplo. O personagem principal, em dado momento do episódio, se interessa por uma colega de trabalho, todavia não chega a falar com ela por certa falta de coragem. Em outro momento, se incomoda com um outro colega que pedala próximo a si e que está jogando um jogo eletrônico no qual, ao pedalar, o objetivo é matar faxineiros (exatamente como os que limpam e zelam pelas condições do salão de trabalho). Aqui temos a impressão de que os faxineiros ocupam uma faixa social mais baixa em relação aos trabalhadores das bicicletas, o que torna permissível esse movimento e a opressão de uma classe mais alta sobre uma mais inferior.

⁸ A série *Black Mirror* foi acessada na plataforma de *streaming Netflix* em 31 de agosto de 2023.

Conforme o episódio avança, observamos que neste mundo-lugar o espaço de dormir e de trabalhar são próximos, na mesma construção física, não há, então, necessidade de deslocamentos entre a casa e o trabalho. Não há também, em momento algum, a dimensão do céu ou de qualquer paisagem; não é possível saber se é dia ou noite, se está frio, ou quente, ou chuvoso. As roupas de cada classe de trabalhador são as mesmas, há uniformidade e homogeneização. A empresa que controla as telas e o respectivo conteúdo parece ser a mesma que controla a alimentação, o entretenimento e os cuidados com a higiene. De certa maneira, a vida dos trabalhadores ali retratados resume-se às normas/regras/formas/conduitas inerentes ao seu trabalho. Não há, inclusive, privacidade. Podemos pensar, nesse cenário, que a vida do personagem principal é bastante contenciosa: possui poucos objetos pessoais, ele faz bastante esforço para economizar cada centavo (mérito), não se alimenta de maneira saudável, contando cada tostão para comer, trabalhando em uma profissão que, pelo que fica subentendido, não escolheu.

Ao passo em que a narrativa se desenvolve, o personagem principal vai se tornando descontente, inconformado, ao ponto de revoltar-se com sua condição de vida dentro daquele sistema de controle. Ao ter sua consciência despertada para as desigualdades e injustiças existentes naquele universo, começa a pensar em maneiras de romper com alguns dos movimentos cíclicos a que está sistemática e diariamente submetido. Quando finalmente constrói-se a imagem de que as bicicletas são, na realidade, uma fonte de energia para a manutenção daquele sistema social e toda sua parafernália digital, e que seu trabalho diário é o de alimentar, por meio de sua energia corporal (vital), as engrenagens do sistema, o personagem se revolta e, em um acesso de fúria, quebra telas, seus pertences pessoais em seu quarto, faz falas de denúncia contra aquele sistema, revela toda a trama que acontecia nas entrelinhas daquela organização de sociedade, inclusive, conclamando seus colegas de trabalho a pensarem sobre as condições de trabalho (e de vida).

Nos atentemos agora para Jonathan Crary (2014), e a sua ideia do 24/7. Em sua obra *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*, o autor estadunidense faz fortes críticas ao sistema capitalista neoliberal e à sua tentativa insistente de capitalizar todas as instâncias da vida. Há um empenho imenso desse sistema em romper os limites fisiológicos e temporais expressos pela terminologia 24/7, “vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana”, *slogan* comumente empregado desde pequenas instituições a grandes corporações, com a intenção de indicar a prestação contínua e ininterrupta de garantias, produtos e serviços.

Segundo Crary (2014), a última instância ainda não capitalizada pelo sistema capitalista neoliberal é o sono. Para o autor, o sono resiste como barreira natural última à total realização

de uma sociedade 24/7. Por seu profundo caráter de passividade, o sono afasta os sujeitos tanto da ação produtiva quanto da circulação e do consumo. É daí que parte a afirmação proposta pelo autor de que o sono é inútil para o capitalismo, uma vez que dele não se pode extrair valor algum. O sono não possui valor algum, não produz nada, não capitaliza nada. É daí que surgem as tentativas sucessivas e constantes, nas últimas décadas, de superar esta barreira fisiológica. Em seu livro, logo no início do primeiro capítulo, o autor estadunidense traz para discussão o exemplo do pardal da coroa branca, que tem como característica principal ser capaz de passar até sete noites seguidas sem dormir em seu processo migratório.

Mas o que isso tem a ver com a sociedade 24/7? Crary (2014) descreve uma pesquisa, financiada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América, que objetiva a criação do soldado sem sono, o qual estaria apto a participar de missões que exijam grandes períodos de vigília. Inspirado nas substâncias presentes no organismo do pardal da coroa branca, os pesquisadores envolvidos no projeto de pesquisa em busca do soldado sem sono investigam métodos que permitam não estimular a vigília, mas sim suprimir a necessidade de sono. Crary (2014, p. 13) nos apresenta a ideia de que “inovações relacionadas à guerra são inevitavelmente assimiladas na esfera social mais ampla”, sugerindo assim o surgimento futuro de um trabalhador ou de um consumidor que [quase] não dorme. E aqui podemos, por que não, pensar que o sono, a partir do que propõe Crary (2014), seria em tese um ato de resistência⁹ ao sistema capitalista neoliberal¹⁰.

Retomando a ideia de desempenho defendida por Han (2017), o filósofo afirma que, a partir da superação da sociedade disciplinar e da mudança de lógica que constitui a sociedade de desempenho, considerando que há o excesso de positivismo nessa dinâmica social, falamos então de uma sociedade positivista, afirmativa, que pensa que pode tudo, mas que, ao mesmo tempo, não afirma nada, sequer a vida (já que a sacrifica constantemente, posto que tudo é possível, em prol da produtividade). A escala de trabalho 6x1, vivida por grande parte da população trabalhadora brasileira, é exemplo disso: impera a lógica do trabalhe até que aquilo que se espera do trabalhador seja concluído, sem descanso, sem tempo para lazer, para

⁹ Além do sono, podemos pensar que qualquer momento de lazer, de ócio, de “não-produtividade” se enquadrem nessa mesma perspectiva. Não nos parece coincidência, por exemplo, que os grandes conglomerados empresariais e industriais sejam tão ferrenhamente contrários ao fim da escala de trabalho 6x1, fazendo, inclusive lobby para breçar a tramitação desse projeto nas comissões parlamentares do congresso Nacional Brasileiro. Um corpo que não produz não interessa ao capitalismo.

¹⁰ Algo que Jonathan Crary pode não ter considerado em sua construção argumentativa sobre a capitalização do sono é a existência de uma “indústria do sono”. O capitalismo segue vendendo colchões ultramacios para uma noite de sono mais tranquila, travesseiros ultraconfortáveis ou mesmo com efeitos corretores de dores cervicais, ou ainda fármacos para dormir mais e melhor, ou remédios para a insônia. Na sociedade capitalista, em seu movimento constante e indiscriminado, tudo (e todos) podem ser comercializados.

atividades familiares, ou mesmo para ir ao médico e cuidar da saúde. E se a escala 6x1 acabar, a economia vai quebrar, os padrões vão começar a demitir, o país cairá em recessão. Há aqui, nessa confluência entre Foucault e Han, também um mecanismo de controle que sustenta esse modelo de sociedade de desempenho.

Com base na leitura da obra de Byung-Chul Han sobre o excesso de positividade, em impor a si próprio essa conduta de que tudo é possível, podemos indicar que as definições propostas pelo autor partem da negação do se é/sou, negando o indivíduo em si, sua existência, sua vida, sua impossibilidade. Nega-se o direito (ou a necessidade) de descanso, saúde, bem-estar, alegria, tempo de lazer etc., em prol de uma escala de trabalho com a 6x1, por exemplo.

Nesse movimento em que não há impossibilidade, não se afirma a si, a sua existência, a vida, que podemos entender como o não ser (a negação do ser). Trabalhando nessa chave negativa, em uma dinâmica de positividade (poder a todo custo), é possível reconhecer que a definição do ser se dá a partir da negação/do não ser. Não há, portanto, sequer a consideração do vir a ser, pois, ao negar o ser (e a si mesmo), ao não afirmar nada, no processo de exclusão, apagam-se as possibilidades, o tornar-se, o outrar-se, o vir a ser. Na sociedade do cansaço delineada por Han (2017), não há, por conseguinte, espaço para as virtualidades, para o virtual (Bergson, 2010).

A sociedade capitalista no limiar da ausência de virtualidades

Henri Bergson (2010) nos ajuda na composição de algumas linhas de pensamento acerca da virtualidade. Segundo o filósofo em questão, o virtual corresponde ao ser da memória que, por sua vez, existe na duração. Ainda segundo o autor, a memória é uma multiplicidade heterogênea e, por definição, virtual. Assim sendo, ao fazer com que passado e futuro coexistam em continuidade, ela remete à memória, também considerada coexistência e multiplicidade virtual. Bergson divide dois tipos de memória: a memória-pura e a memória-imagem, sendo que esta última é a atualização da primeira, a qual, por sua vez, é puramente virtual.

A análise de Marques e Hessel (2021) nos ajuda a compreender o papel do virtual a partir do que propõe Bergson (2010, p. 211): “Eis então aqui o papel que o virtual assume. Ele é então as durações coexistindo simultaneamente e de forma heterogênea, garantindo a cada atualização, um ato de criação”. Bergson (2006, p. 103), acerca da criação, propõe:

Gostaria de voltar aqui a um assunto do qual já falei, a criação contínua de imprevisível novidade que parece desenrolar-se no universo. De minha parte, acredito experimentá-la a todo instante. Em vão me represento o detalhe daquilo que irá me ocorrer: como minha representação é pobre, abstrata, esquemática, em comparação

DO ADOECIMENTO DAS DOCÊNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE:
UM ENSAIO REFLEXIVO
Diogo Inacio Dias

com o acontecimento que se produz! A realização traz consigo um imprevisível nada que muda tudo.

Presos unicamente ao real, dentro dessa chave binária de pensamento ser/não ser, Deleuze (2012) pode nos auxiliar compondo a linha de pensamento que está sendo construída, a partir de sua análise sobre a obra de Henri Bergson e o conceito de virtual, com base na qual podemos supor que o movimento que o inventa, cria, é aniquilado juntamente com a ausência da virtualidade, já que “o virtual não é a mesma coisa que o possível: a realidade do tempo é finalmente a afirmação de uma virtualidade que se realiza, e para qual realizar-se é inventar” (Deleuze, 2012, p. 116). Ou seja, o virtual é, a partir de Bergson (2010) e Deleuze (2012), esse amplo campo de onde extraímos atualizações, pensando-as como invenções produzidas pela diferença, não pela determinação de um decalque, da negação do ser, ou da negação do não ser. É justamente a existência de um campo de linhas intensivo que atravessa tudo, de maneira múltipla, heterogênea, de forma difusa. Ele é a própria diferença a se diferenciar em si mesmo, sem negar e excluir. Ou, como propõe o filósofo francês: “ele falta à sua própria identidade” (Deleuze, 1988, p. 139).

Em outras palavras, pode-se propor que, a partir do pensamento de Han (2017) e Deleuze (2012), essa sociedade que cansa, esgota, entristece os corpos é assassina do possível, por, ao negar tudo e não afirmar nada, negar a virtualidade. Como visto em Bergson (2010) e Deleuze (2012), o virtual aqui pode ser entendido como algo que possui uma realidade ontológica, revertendo a ideia do virtual como possível. Virtual enquanto possibilidade. Virtual como um vir a ser.

Ao passo que vamos nos encontrando com os autores com os quais dialogamos nesta seção, podemos ser convidados a pensar que na dinâmica em que vivemos, na contemporaneidade, imersos na sociedade capitalista neoliberal e seu modo de ser e operar e agir e atuar e agenciar e exigir e fazer e acontecer e e... nos formate e modele sempre dentro do mesmo modelo gerenciado pelo próprio sistema em seu movimento axiomático. Ousamos sugerir que talvez resida nas ideias e linhas de pensamento dos autores com os quais dialogamos até este momento parte dos elementos que julgamos atuar num movimento de decomposição da figura docente e das docências.

O excesso de positividade, a ausência de afirmação, a negação do ser (em prol do desempenho - e sua maximização ao limite) vão minando a virtualidade, vão assassinando a criação, o possível, e isso afeta diretamente a produção, como temos pensado. Os processos decompositivos dos quais temos falado e aos quais tentamos dar algum contorno podem ter

raízes que se hidratam em águas muito negativas (ou positivas, como vimos em Byung-Chul Han) e pouco afirmativas da (somente) realidade.

A fabricação de intercessores como um possível diante dos processos de *enformamento* docente – uma experiência

Viu-se até o momento que o capitalismo neoliberal tenta de muitas maneiras capitalizar tudo e todos com a intenção de manter-se em funcionamento – seja criando a falsa sensação de que tudo podemos (gerando um excesso de positividade que vai apagando as virtualidades do vir a ser e tornando a produção constante e ininterrupta como o único meio possível – movimento esse que adoce o indivíduo contemporâneo), seja por sua lógica 24/7, tentando romper a última barreira defensiva do sono como escape à essa dinâmica de produzir sempre e sem pausas.

Impossível, nesse contexto, não pensar nas docências (e se utiliza o plural desde o início do texto para ressaltar que não se identifica a existência de uma única maneira de exercer a docência) e em como o capitalismo as *enforma*. Dias (2024), em sua dissertação de mestrado, pensa em caminhos para escapar a processos de *enformamento* docente. O jogo de palavra proposto se encontra com essa imagem de forma de bolo, em que uma massa é colocada para ser uniformizada, modelada para assumir um formato pré-estabelecido. Para o autor os movimentos do sistema capitalista, em sua ânsia de se manter hegemônico, plasmam as diferentes esferas da vida em sociedade. O exercício da docência, assim como as mais distintas atividades de trabalho, não é exceção.

A linha de pensamento é a seguinte: o sistema capitalista exerce forças sobre a sociedade que reproduz a esmo tais atravessamentos. Essas forças direcionam e plasmam comportamentos, modos de ser e estar em uma chave transcendental. Falamos aqui de reprodução. Tais modos de ser e estar vão sendo reproduzidos nas diferentes esferas da vida nos mais diferentes espaços e lugares. Tais forças plasmam os indivíduos e as instituições. Plasmam as escolas, e os agentes escolares (professores, alunos, gestores, funcionários em geral). A reprodução segue seu curso e nada (ou pouco) se cria. Trata-se do capitalismo trabalhando para que reprodução do próprio sistema siga em andamento, mando-o como hegemônico.

Dias (2024) e Dias e Souza (2024; 2025) buscam apoio em Deleuze (1987; 1988) e em Deleuze e Guattari (1992) para pensar maneiras de escapar a essa reprodução que impera como hegemonia na atuação docente, *enformando-a*, e encontrar algumas virtualidades (possíveis) ao

DO ADOECIMENTO DAS DOCÊNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE:
UM ENSAIO REFLEXIVO

Diogo Inacio Dias

fabricar um intercessor¹¹ que o afeta em sua prática docente promovendo, desse modo, resistência a modelos de ensino e atuação profissional. No pensamento deleuziano, intercessores são atratores de signos que forçam o pensamento, violentados pelos signos por ele atraídos, de um estado de paralisia, imobilidade. Sem intercessores e a violência dos signos sobre o corpo e sobre o pensamento, não há criação:

O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Ora, essa gênese implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas. Pensar é sempre interpretar, isto é, explicar, desenvolver, decifrar, traduzir um signo. Traduzir, decifrar, desenvolver são a forma da criação pura. Nem existem significações explícitas nem ideias claras, só existem sentidos implicados nos signos; e se o pensamento tem o poder de explicar o signo, de desenvolvê-lo em uma ideia, é porque a ideia já estava presente no signo, em estado envolvido e enrolado, no estado obscuro daquilo que força a pensar. Só procuramos a verdade no tempo, coagidos e forçados (Deleuze, 1987, p. 96).

Ao propor uma filosofia da criação, Deleuze nos provoca a pensar. Nos provoca a criar. Se a contemporaneidade é plasmada por essas forças que operam na sociedade capitalista e suas linhas estruturais que fomentam a reprodução, é criando que escapamos e criamos nossas linhas de fuga ao *enformamento*. Dias (2024) e Dias e Souza (2024; 2025) apontam na fabricação/permissão de intercessores um caminho possível de atuação docente que não se sujeite ao enformamento. Se a criação, para Deleuze, são os intercessores, neles podemos encontrar meios de criarmos outras maneiras de ser e estar no mundo, novos modos de vida e existências, para além das linhas hegemônicas.

Em Deleuze (1988, p. 156), vemos que:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar¹² seus próprios intercessores.

Deleuze nos apresenta o conceito de intercessor como algo de certo aberto, no campo dos possíveis, que podem acontecer (ou serem permitidos, há esse componente da permissão

¹¹ No caso das experiências partilhadas nesses dois trabalhos, o intercessor fabricado pelo docente em sua atuação é a figura-palhaça. Um intercessor que permite o acesso aos signos das Artes, signos primeiros da criação no pensamento deleuziano. Ambos os trabalhos exploram o movimento de desterritorialização da figura-docente pela figura-palhaça em sua atuação e linhas de fuga criadas por esse movimento. As linhas de fuga apontam para escapes possíveis às dinâmicas do capitalismo que promovem o *enformamento* docente.

¹² Não defendemos a ideia de um modelo de intercessor a ser seguido. Isso porque uma leitura atenta da proposição de Gilles Deleuze mostra que o intercessor é fabricado pelo indivíduo. Assim, a figura-palhaça, na escrita desta dissertação, é o intercessor de quem escreve e só. Narramos ao longo do texto uma experiência singular de um professor que tem na figura-palhaça seu intercessor, sem buscar universalizar a figura-palhaça como um intercessor modelo ou algo do tipo.

do indivíduo), reais ou fictícios. Ainda a respeito dos intercessores, vemos em Silva (2016, pp. 34-35):

Ninguém é intercessor de ninguém porque quer. Tal conceito não é dessa ordem. Essa indicação precisa vir do sujeito que faz de alguém ou de algo seu intercessor. No entanto, tal designação é relativa e necessita ser problematizada porque há outra possibilidade de o intercessor se dar. Ressalta-se que nem sempre essa escolha do sujeito é acionada por uma vontade preestabelecida, pois pode haver também o fator do imponderável. Por esse viés, não se trata tanto de um apontamento consciente, requerido de antemão. O intercessor pode ser escolhido de outro modo pelo sujeito, estando este mais despreparado e não sendo esta escolha uma demanda [...]. De qualquer modo, destaca-se que há uma permissão, mesmo que mínima e muito rápida, do sujeito para isso, pois, ainda assim, o intercessor é escolhido. Porém, escolhido não no sentido de que o sujeito controle isso, mas em função de que ele foi atravessado, afetado pelo intercessor.

Se há docências que são plasmadas a partir de forças que atuam na direção de torná-las reprodutoras e não criadoras, produzindo assim um estado de certa inércia, continuidade em um mesmo fluxo de repetição e reprodução, pode ser a violência de signos atraídos por um intercessor que rompa com esse estado de estupor e coloque o pensamento em movimento. Ao entrar em movimento o pensamento, antes paralisado, pode criar. E, criando linhas de fuga, podem emergir nesse movimento. Fractalizam-se, assim, *enformamentos*.

Considerações Finais

Procurou-se, ao longo deste texto, debater a partir de referências do campo da filosofia, as maneiras pelas quais a sociedade contemporânea se constitui/constituiu e suas implicações para a atuação docente. Há um movimento axiomático do capitalismo que parece modelar também as docências e a atuação docente de maneira a produzir processos que temos chamado de *enformamento*. Tais docências, *enformadas*, entram em uma chave de reprodução, na contramão de movimentos criativos.

Apresentamos o conceito deleuziano de intercessor como um possível escape aos *enformamentos*. Trabalhos como o de Dias (2024) e Dias e Souza (2024; 2025) apontam nessa direção e podem nos inspirar nesse movimento de fabricação de intercessores. Todavia, faz-se necessária uma ressalva importantíssima, feita inclusive pelos autores supracitados: não se trata de transformar essa experiência da fabricação de intercessores em modelo a ser seguido. Trata-se mais de compreendê-los como uma experiência que se deu e pode, por que não, ser inspiração para que outras experiências no fazer docente se deem. Colocar a fabricação de intercessores como um caminho a ser seguido seria, de certa maneira, entrar em um movimento de reprodução. Não se capturam os devires (Kohan, 2003); logo, não é possível recriar

experiências. Cada contexto é único, é singular, e por isso, não se pode controlar o que acontece ou pode acontecer.

Em vez de levantar bandeiras em prol da fabricação de intercessores, interessa-nos mais pensar em caminhos de escape das linhas hegemônicas que plasmam a sociedade e, conseqüentemente, as docências. A experiência de Dias (2024) e Dias e Souza (2024) foram experiências inspiradoras que nos proporcionam pensar em possíveis a serem enxergados e explorados. Se a sociedade capitalista impõe a reprodutividade e o desempenho como modais, roubando-nos a virtualidade e a criação, é justamente criando que escapamos das hegemonias. É criando que produzimos nossas novas maneiras de ser e estar no mundo. É criando que resistimos.

Referências

BERGSON, H. **O pensamento e o movente**: ensaios e conferências. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

CRARY, J. **24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. 8. ed. atualizada. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIAS, D. I. **Do intercessor figura-palhaça**: um possível da docência contra o entristecimento. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos –Sorocaba, 2024.

DIAS, D. I.; SOUZA, C. R. Do intercessor figura-palhaça: um possível para uma educação alegre. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 31, 2024.

DIAS, D. I.; SOUZA, C. R. O que seu corpo pode? Linhas de escape à ensinação de corpos. **Linha Mestra**, Campinas, v. 19, n. 56, p. 361-371, maio/ago., 2025. Disponível em: <https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/1596>. Acesso em: 13 jan. 2025.

EHRENBERG, A. Le cerveau ‘social’, chimère épistémologique et vérité sociologique. **Esprit**, Paris, n. 341, p. 79-103, jan. 2008.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. 20. ed. São Paulo: Vozes, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In: FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. v. 11. Rio de Janeiro: Imagino, 1969 (texto originalmente publicado em 1912).

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2017.

KOHAN, W. O. Infância e educação em Platão. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 01, p. 11-22, jun. 2003. Disponível em: <https://11nq.com/ASTBD>. Acesso em: 04 jan. 2025.

MARQUES, M. A.; HESSEL, A. M. D. G. O conceito de “virtual”: de Bergson a Deleuze, de Deleuze a Lévy. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 24, p. 205-220, jul./dez., 2021.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo; Editora Scipione, 2006.

PACHECO, J. A.; PESTANA, T. Globalização, aprendizagem e trabalho docente: análise das culturas de performatividade. **Educação**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 24-32, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84830089004>. Acesso em: 04. jan. 2025.

PICADO, L. A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva. **Portal dos Psicólogos**. Portugal, jul. 2009. Disponível em: <https://11nq.com/EIgie>. Acesso em: 04 jan. 2025.

SILVA, L. S. **Machado na aula**: em busca de signos e intercessores para a potencialização de experiências subjetivas no aprender. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

ZACHARIAS, J. *et. al.* Saúde e educação: do mal-estar ao bem-estar docente. **Educação por Escrito**, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 1, p. 16-30, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/porescrito/article/view/8674>. Acesso em: 04 jan. 2025.

SOBRE O AUTOR

Diogo Inacio Dias. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos - Campus Sorocaba, docente do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Embu das Artes, educador, pesquisador e palhaço. <http://lattes.cnpq.br/4545959719805313>

Como citar

DIAS, Diogo Inacio. Do adoecimento das docências na contemporaneidade: um ensaio reflexivo. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 6, n. 13, p. 1-17, jan./dez., 2025.